

mais bem-colocadas neste contexto, enriquecendo a seção Debates dos *Cadernos de Saúde Pública* como instrumento de ensino e aprendizagem.

Euclides Custódio de Lima Filho
 Instituto de Matemática, Estatística e
 Ciências da Computação
 Universidade Estadual de Campinas

O confronto entre os métodos quantitativo e qualitativo, alienado de um objeto de estudo específico e delimitado ao qual desejase aproximar através de um caminho (*Hodós*), não é o tipo de discussão das mais fecundas que poder-se-ia travar.

Um método se justifica e se estabelece à medida que, por seu intermédio, obtem-se a aproximação de um objeto através da iluminação de um ou alguns de seus aspectos, aproximação esta que viabiliza uma melhor apreensão da realidade estudada, produzindo, inclusive, um conhecimento capaz de transformá-la.

Em outras palavras, o método é bom enquanto ele responde aos propósitos e às necessidades científicas estabelecidas por um dado grupo social, o que, em última análise, remete a discussão para o campo das lutas pela hegemonia no estabelecimento das políticas de ciência e tecnologia de uma dada sociedade, em um determinado momento histórico.

Neste sentido, concordamos com o texto apresentado quando ele conclui que as abordagens quantitativas e qualitativas realmente não se opõem *a priori*, na medida em que, em função de um objeto específico recortado em conformidade com o ponto de vista dos pesquisadores envolvidos, qualquer uma delas pode se constituir no caminho possível, no momento certo.

Da mesma forma, concordamos que tampouco essas abordagens se complementam necessariamente. Esta relação simplesmente não se estabelece, na medida em que não há continuidade entre os métodos. Um não abre terreno para o outro.

A crítica que se faz ao texto apresentado por Minayo & Sanches é que ele, renunciando deliberadamente a discutir o método em sua

relação com o objeto — propositalmente, não se entrou, neste trabalho, nas questões específicas da área da saúde, uma vez que a pretensão do texto era ser introdutório de uma problemática que concerne e ultrapassa o campo —, acaba por inviabilizar uma discussão mais fecunda e conclusiva, na medida em que subtrai da polêmica justamente o critério que deveria validá-la.

A discussão do método viabiliza-se à medida que ela se cola à discussão do objeto que anima este método, discussão esta que, por sua vez, nos remete à discussão mais ampla acerca da finalidade do estudo científico e dos critérios de validação do conhecimento produzido.

Tal crítica, evidentemente, não desmerece as considerações levantadas no texto, sem dúvida um bom “pontapé inicial” num debate realmente relevante, possível e promissor.

Este início de debate cria a expectativa de uma discussão de importantes aspectos relativos às questões que os métodos discutidos suscitam.

Um deles, crucial, é a validação do método qualitativo. O texto de Minayo & Sanches apenas resvala por esta questão quando diz que “*uma das indagações mais freqüentes no campo da pesquisa é a que se refere à representatividade da fala individual em relação a um coletivo maior*”, ou, ainda, quando diz que “*a ênfase quase absoluta na fala como material de análise transforma a questão da descoberta e da validade em habilidade de manipulação dos signos*”. No entanto, em outra publicação (Minayo, 1992) — muito mais densa e analítica — Minayo já aponta para a importância desta questão e sugere que a validação da pesquisa qualitativa passa pelo crivo da “*triangulação*”, que consistiria na “*combinação e cruzamento de múltiplos pontos de vista, através do trabalho conjunto de vários pesquisadores, de múltiplos informantes e múltiplas técnicas de coleta de dados*”. Parece-nos bastante problemático o fato de a validação se dar ao sabor de pontos de vista múltiplos e, talvez, descolados da prática.

Fica também a expectativa de uma discussão aprofundada a respeito das afinidades e adequações entre os objetos e os métodos. O texto aqui discutido não foi feliz ao sugerir que ao método quantitativo cabe conduzir a pesquisa “*em níveis da realidade, onde os dados se apresentam aos sentidos*”, como se os dados estuda-

dos pelo método quantitativo já fossem “dados” pela natureza, prescindindo de sua construção por parte do pesquisador. Da mesma forma, a sugestão de que ao método qualitativo cabe “aprofundar a complexidade de fenômenos, fatos e processos particulares e específicos de grupos mais ou menos delimitados em extensão e capazes de serem abrangidos intensamente” não diferencia, de modo algum, este método do método quantitativo.

Por fim, saudamos os professores Minayo e Sanches, bem como os *Cadernos de Saúde Pública*, pela iniciativa do debate, na expectativa de acompanhar e participar das discussões.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MINAYO, M. C. S., 1992. *O Desafio do Conhecimento*. São Paulo: Hucitec-Abrasco.

Michael Eduardo Reichenheim

Instituto de Medicina Social
Universidade Estadual do Rio de Janeiro

Creio ser muito bem-vinda uma discussão aberta sobre o tema. Limitado pelo espaço (e, quiçá, pela minha própria falta de fôlego), gostaria de tecer apenas alguns comentários de cunho geral, mas propositalmente “seqüestrando” o enfoque para o domínio da Epidemiologia (e não da Ciência em geral ou da área da Saúde Coletiva como um todo), na perspectiva de que, mesmo guardando a superficialidade de um “pontapé inicial”, esta especificidade possa ampliar a reflexão, tanto em direção à profundidade quanto às suas fronteiras (limitações).

Um dos pontos refere-se à afirmação colocada nas conclusões de que não há contradição nem continuidade entre as abordagens quantitativa e qualitativa, pois estas seriam de natureza diferente. Afirmam os autores que, na primeira, os dados apresentar-se-iam aos sentidos, enquanto a segunda trabalharia com valores, crenças, representações, hábitos, atitudes e opiniões. Penso que esta distinção não é tão clara e fácil como parece. É mister reconhecer que uma ciência empírica madura não aceita a idéia da mente humana como uma tábula rasa, neutra, esperando o mundo externo “falar aos sentidos” (Lakatos, 1986). Apesar de os dados poderem “falar”, afetando os sentidos,

estes são “ouvidos” por um cérebro pensante e ativo que previamente se “programou”, formulando um constructo — uma rede de relações (nexos) entre os fenômenos ou eventos estudados — a ser ou não posteriormente corroborado empiricamente. A pergunta que se faz é como esta interpretação de um mundo pode ser concebida senão através de valores, crenças, representações, hábitos, atitudes e opiniões (não necessariamente nesta ordem, nem de caráter exaustivo), tanto por parte de quem propõe o modelo teórico como por parte dos atores no processo de captação de ocorrências empíricas. Se, na prática concreta (atual) da investigação epidemiológica, este arcabouço teórico é raramente pensado, projetado e explicitado, isto não descreve, como querem os autores do texto, um caráter imanente da abordagem quantitativa, mas revela o uso incompleto e, portanto, inadequado e imaturo da mesma. Deve-se levar em consideração que, no campo da vertente epidemiológica dos estudos de determinantes dos processos de saúde-doença, nem sempre se dispõe de elementos para montar estes modelos teóricos e, a partir destes, constituir estratégias para testes ou experimentos falsificadores ou corroboradores. Além disso, por este motivo, muitos programas de investigação epidemiológica ainda necessitam de “pescarias” exploratórias de cunho essencialmente indutivo. Mas, sob a ótica de um grande programa de investigação, cabe aos epidemiologistas — ou melhor, àqueles que se debruçam sobre o método e utilizam a Epidemiologia na sua prática de investigação — desenvolver este dormente mas tão relevante aspecto do procedimento metodológico: a modelagem teórica. Somente então poder-se-á avaliar com mais robustez se este é um programa metodológico em progressão (ascendente) ou um degenerativo que não merece investimento e requer descarte (em prol de uma abordagem estritamente qualitativa). Enfim, enfatizando que a distinção entre o qualitativo e o quantitativo não é clara nem fácil, poderíamos até sugerir que ela pode estar equivocada e que os dois campos espelham mais uma mescla do que uma aparente digressão.

Vale a pena também apontar uma questão que perpassa o texto e que está subjacente às reflexões epistemológicas de outro investigador